

Bendito aquele que vem em nome do Senhor: o Messias prometido

THIAGO GALBIATTI VESPA¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar a expectativa da vinda do Messias dentro da comunidade judaica. Foram retratados dois grupos proeminentes desse período: os fariseus e os essênios de Qumran com o tipo de Messias que eles esperavam. Embora esses dois grupos tenham características diferentes, ambos compartilhavam o anseio da chegada do Messias prometido. Essa esperança se apoiava nas profecias dos oráculos escritos que estavam disponíveis para eles. O presente artigo inicia com uma introdução ao tema, demonstrando pela história os eventos do período de Ciro até o início do primeiro século da Era Comum, estabelecendo uma associação hermenêutica da construção do templo com a vinda do Renovo, o Messias sacerdote e rei que construiria o templo. O tema também foi dividido em duas outras seções: descrição da idiossincrasia dos fariseus e das características dos essênios e uma segunda seção com algumas profecias que identificam as expectativas da vinda iminente do Messias prometido. São descritos trechos dos escritos das comunidades em questão, como, por exemplo, o Talmude para os fariseus e os manuscritos de Qumran para os essênios. É possível observar também as profecias concernentes nas escrituras judaicas e interpretações dos historiadores e teólogos sobre suas relações com o período em que foram escritas, identificado a expectativa presente na época analisada.

Palavras-Chave: Messias; Fariseus; Essênios; Profecias; Período Herodiano.

Blessed is he that cometh in the name of the Lord: the promised Messiah

Abstract: The subject of this research aims to analyze the expectation of the coming of the Messiah within the Jewish community. Two prominent groups of this period were portrayed: the Pharisees and the Essenes of Qumran, and the type of Messiah they expected. These groups bear different characteristics, but both share an expectation for the arrival of the promised Messiah.

.....

¹ Doutorando pela Andrews, Mestre pela USP, bacharel pela UNESP e pós-graduando em Arqueologia do Antigo Oriente Próximo pelo Unasp. E-mail: thiagogv@gmail.com



This hope is relied on the prophecies of the written oracles that were available to them. This article begins with an introduction, demonstrating through history the events of the Cyrus period until the beginning of the first century of the Common Era, establishing a hermeneutical association of the construction of the temple with the coming of the Branch, the Messiah priest and king who would build the temple. The main theme was divided into two sections: a description of the idiosyncrasy of the Pharisees and the characteristics of the Essenes, and a second section with the possible prophecies that are identified as expectations of the coming of the promised Messiah. This work describes excerpts from the writings of the communities in question, such as the Talmud for the Pharisees and the Qumran manuscripts for the Essenes. It is also possible to observe the prophecies concerning in Jewish scriptures and its interpretations of historians and theologians regarding their relations with the period in which they were written, identified the expectation present at the time analyzed.

Keywords: Messiah; Pharisees; Essenes; Prophecies; Herodian Period.

Após a queda da Babilônia, o povo judeu manteve suas esperanças para a reconstrução do templo, que além de um símbolo religioso, era um marco de sua identidade. A existência de um templo de Javé em Jerusalém é uma das características para a vinda do Messias prometido (Zc 1:16; cf. Zc 6:12). Portanto, quando há promessa ou a existência do templo (seja ele celeste² ou físico), surge, na comunidade judaica, uma expectativa iminente da vinda do Messias.

As escrituras judaicas, em conjunto com achados arqueológicos, relatam o decreto de Ciro, em 538/537 a.C., que permitiu que os povos pudessem retornar para sua casa. No caso específico dos judeus, as escrituras judaicas descrevem a possibilidade de realizarem a reconstrução do templo (Es 1:2-4; cf. 2 Cr 36:22-23). Ciro, nesse contexto, é identificado como Messias, ungido do Senhor, dominador do mundo (DONNER, 1997, p. 439), tendo o seu caminho preparado (Is 45:1,2) como João Batista fez para a vinda do Messias cristão: Jesus Cristo³ (Lc 3:4). É nesse período que surge uma grande esperança do povo judeu com a reconstrução do templo e com a vinda do Messias prometido.

Por consequência do exílio babilônico, não havia mais monarquia entre a comunidade judaica. A população rural estava sem liderança na Palestina, dividida entre o Egito e Elefantina (DONNER, 1997, p. 433-435). Com isso, o regresso dos exilados e o início da reconstrução do templo não ocorreram de forma imediata, mas dezoito anos à frente, em 520 a.C., após a nomeação de um procurador davídico de nome Zorobabel, que segundo 1 Crônicas 3:19 era neto de Jeoiaquim⁴.

Ageu, um dos profetas canônicos do povo judeu, identificou Zorobabel como escolhido do Senhor (Ag 2:23), assim como Davi que foi selecionado e ungido para ser rei (1Sm 16). O período da construção desse Templo, conhecido como Templo de Zorababel, até a sua queda no ano 70 d.C. é denominado: Período do Segundo Templo.

.....

² O conceito da existência de um templo celeste está presente no apócrifo de 1 Enoque e há indícios na Bíblia. Ver Gênesis 28:12 (escada que liga o templo celeste com a terra) e Ezequiel 41 (templo celeste que Ezequiel descreveu).

³ Cristo, qualificativo de origem grega (*Χριστός* - *Christos*), significa Ungido ou Messias (*מָשִׁיחַ* - *māšīaḥ*) em hebraico.

⁴ Jeoiaquim foi o 17º rei de Judá (609 – 598 a.C.).



Com a proximidade da finalização da construção do Templo de Zorobabel, havia profecias referentes à chegada do último Messias. O profeta Zacarias associou a vinda da Pedra Angular⁵ por causa da construção do Segundo Templo (Zc 4:7). Zorobabel é chamado de Messias que está diante do Senhor (Zc 4:14)⁶. Essa profecia com a de Ageu criou uma grande esperança na comunidade toda e, com certeza, uma expectativa iminente da restauração do trono davídico (PROVAN, 2016, p. 447).

Entretanto, Zorobabel desaparece na história e, após o domínio medo-persa, entra a grande influência do império grego. Os gregos tinham uma cultura rica e politeísta e com o auxílio de Antíoco IV Epifânio, rei da dinastia Selêucida, houve uma helenização forçada na Judeia. O Templo se tornou um lugar ecumênico de adoração, e a lei mosaica foi abolida e substituída por uma lei secular (JOHNSON, 1995, p. 112). Contudo, muitos judeus permaneceram fiéis ao ensino da Torá. Essa tensão provocou a revolta dos Macabeus⁷, liderada pelo sacerdote Matatias.

Nesse período conhecido como dinastia dos Hasmoneus, nome devido à linhagem de Matatias (patriarca Hasmon), há, novamente, um retorno do povo aos caminhos de Javé. Com a chegada do império romano e a entrega da Judeia ao príncipe idumeu Herodes, o Grande, diversas construções em Jerusalém são realizadas. No ano 22 a.C., Herodes convoca uma assembleia para a realização da obra da sua vida: a reconstrução do Templo em uma escala magnífica, que excedia a glória do Templo de Salomão (JOHNSON, 1995, p. 124).

Novamente, com a opressão romana e com o anúncio da reconstrução do Templo, ressurgiu a esperança de um novo líder político e espiritual para a necessidade de libertação, culminando na grande expectativa para a chegada do Messias prometido. Nesse período, a comunidade judaica era composta por três grupos importantes: os fariseus⁸, os saduceus e os essênios.

Os saduceus, embora fossem um forte partido oposto aos fariseus e membros das famílias sacerdotais aristocráticas (DONNER, 1997, p. 509), não acreditavam na ressurreição. Eles também não possuíam esperanças escatológicas como os fariseus e essênios (Mt 22:23, Mc 12:18, Lc 20:27, At 23:8). Portanto, as próximas seções abordarão as características e influências dos dois principais grupos que esperavam o Messias nesse período: os influentes fariseus e os ascéticos essênios.

Os influentes fariseus e os ascéticos essênios

Os fariseus do primeiro século antes de Cristo formavam um grupo exclusivista que estava preocupado com a pureza ritual, com os ensinamentos e exposição da Lei (NEWPORT, 1991, p. 133). O nome em grego: “*Pharisaios*” (Φαρισαῖος) tem origem do verbo separar “*pārûs*” (פָּרַוּ) em hebraico, e isso já indica a característica exclusivista desse grupo. Para Josefo, os fariseus possuíam uma posição de liderança, atribuíam tudo ao destino e a Deus e eram considerados os intérpretes mais precisos das leis (JOSEPHUS, 2009b, s. 2.16).

.....
⁵ O termo “Pedra Angular” é um indicativo da vinda do Messias prometido e estabelecimento do reino eterno. Ver Isaías 28:16-18.

⁶ Há uma semelhança desse contexto com Apocalipse 11:4 (ver Zacarias 4:12).

⁷ Essa revolta deu origem ao feriado judaico de Chanuká (dedicação). Ver 1 Macabeus 1:59.

⁸ Os zelotes, que surgiram a partir do grupo dos fariseus, não são contemplados como uma classe proeminente nesse período, pois eles só tiveram um papel de destaque no primeiro século da Era Comum.



Os fariseus eram muito influentes em relação ao povo e tinham um importante papel em eventos políticos. Deveras, Josefo lista apenas esse grupo como presente no período do sumo sacerdote Jonathan (150 a.C.) e que eles tiveram um papel importante no reinado de João Hircano⁹ (134-104 a.C.):

No entanto, esse estado próspero de coisas levou os judeus a invejarem Hircano; mas aqueles que eram contrários a ele, eram os fariseus, uma das seitas dos judeus, como já informado. Estes *têm um poder tão grande sobre a multidão*, que quando eles dizem alguma coisa contra o rei, ou contra o sumo-sacerdote, eles são presentemente acreditados. Ora, Hircano era um seguidor deles e muito amado por eles. Quando ele uma vez os convidou para uma festa, os divertiu muito gentilmente (JOSEPHUS, 2009a, 13.10.5 – tradução livre, grifo nosso).

Neusner (1992, p. 150, 151) relata que nesse período, conhecido como Hasmoniano, os fariseus emergiram e posteriormente ganharam influência na época do império romano. Suas crenças na vinda do Messias estão relatadas no Talmude e nas discussões entre as casas de Shammai e Hillel¹⁰.

É importante destacar que nos escritos judaicos, além do Messias-rei, descendente de Davi, há também a referência do Messias filho de José. Esse segundo Messias era destinado à morte sacrificial e depois a ressurgir em poder, normalmente associado com o texto de Isaías 53, Deuteronômio 33:17 e o apócrifo 1 Enoque 90:37-38 (MITCHELL, 2006, p. 211). O rabino Schochet (1992, p. 94) descreve esse Messias como o precursor do Messias descendente de Davi e alguns o identificam como sendo o mesmo Messias em diferentes aspectos, mas tendo o papel de preparar o povo escolhido para a batalha final (SCHOCHET, 1992, p. 98).

Há também uma forte relação da existência de um novo templo e a chegada do Messias rei e sacerdote. Deus, mediante o profeta Zacarias, faz a promessa da reconstrução do templo (Zc 1:16). Nesse mesmo contexto é revelado que o Messias, o Renovo será responsável pela reconstrução (Zc 6:12). Esse Messias é caracterizado como sendo rei e sacerdote (Zc 6:13). Portanto, esses elementos hermenêuticos estabelecem a relação da reconstrução do templo e a iminente chegada do Messias-rei e sacerdote prometido.

Assim como os fariseus, os essênios de Qumran também possuíam crenças na vinda do Messias. Eles estudavam as escrituras intensamente, aprendiam nelas os deveres e o plano de Deus (VANDERKAM, 2012, p. 96). Eles obedeciam fielmente às escrituras e tentavam servir ao Senhor que acreditavam, permanecendo no pacto como remanescente escolhido (MARTI, 2009, p. 6-8). Embora haja uma possível associação dos manuscritos de Qumran com sacerdotes descendentes de Zadoque e com os saduceus (ELIOR, 2011, p. 58), o presente artigo foca na expectativa da vinda do Messias em seu contexto e não na origem e autoria dos escritos.

A fé dos essênios no futuro messiânico era um incentivo para suas práticas ascéticas. Eles acreditavam que estavam vivendo os últimos dias e aguardavam a vinda de um Messias sacerdotal, conhecido como Messias de Arão. Também esperavam a vinda do Messias para a batalha

.....

⁹ João Hircano foi sumo-sacerdote e membro da dinastia dos Hasmoneus. Seu governo na Judeia se iniciou no ano 135 a.C. e durou 31 anos.

¹⁰ São as duas principais linhas de pensamento judaico no período do reinado de Herodes, o Grande. Shammai e Hillel foram os últimos pares de líderes (*zugot*) a dirigirem o sinédrio judaico.



final sob a liderança de Miguel (SILVA, 2009, p. 222, 226). Semelhante às crenças dos fariseus, é possível identificar a presença de dois¹¹ Messias: um Messias, referenciado como príncipe (rei ou governador) de Israel e outro Messias, um sacerdote.

O Messias sacerdotal tinha proeminência em relação ao Messias de Israel, como pode ser visto no manuscrito da Regra da Congregação:

E [quando] se reunirem [à me]sa da comunidade [... para beber o mos]to e estiver preparada a mesa da Comunidade [e derramado o] mosto para beber [nenhum] homem [estenderá] a sua mão para as primícias do pão e para [o mosto] antes do Sacerdote, porque [ele abe]nçoa as primícias do pão e do mos[to e estenderá] sua mão primeiro em direção ao pão e, depo[is, esten]derá sua mão o Messias de Israel em direção ao pão [e, em seguida, aben]çoarão toda a congregação da Comunidade, cada h[omem segundo] sua dignidade e, de acordo com essa lei, será feito em cada refeição em que se reunirem até dez home[ns] (SILVA, 2009, p. 189 - 1QSa II, 17-22, grifo nosso).

A prática judaica de abençoar o pão é sempre feita pelo anfitrião da casa, mas, para os essênios de Qumran, o Messias sacerdotal tinha uma importância maior que o Messias de Israel, considerado governador do mundo. Como pode ser visto, o Messias sacerdotal realizava esse trabalho antes do Messias de Israel. Essa passagem pode explicar por que Jesus Cristo abençoa o pão, mesmo não sendo o anfitrião (Lc 24:30), assumindo para si mesmo a figura do Messias sacerdotal.

O futuro messiânico para a comunidade de Qumran faria com que eles, como sacerdotes, tomassem o poder. Dessa maneira, o Messias sacerdotal possuía prioridade em relação ao Messias de Israel (príncipe). No documento essênio de Damasco, que foi encontrado em Qumran e outros dois fragmentos em Cairo, esses dois possíveis Messias são referenciados como um único com ambas as características (LAURIN, 1963, p. 49), exercendo a função de guerreiro, governante e sacerdote (WCELA, 1964, p. 344).

Nos hinos descritos pela comunidade, o Messias essênio se identifica como o próprio Deus. Ele se diz superior aos anjos e se assenta num trono cercado por seres celestes. Simultaneamente, ele é descrito como um homem desprezado e rejeitado (KNOHL, 2000, p. 25). Portanto, o Messias descrito pelos essênios era um ser divino e associado ao servo sofrido profetizado por Isaías no capítulo 53 do livro que leva o seu nome. Há várias outras semelhanças citadas pelo Knohl (2000), mas por motivo de concisão textual não serão abordadas no presente artigo.

Como visto, os fariseus aguardavam um Messias rei, já os essênios focavam a sua esperança na vinda de um Messias com características sacerdotais. Entretanto, em seus escritos, podem-se encontrar conjuntamente as características divinas, reais e sacerdotais com a vinda eminente para o estabelecimento de um novo templo e governo. A próxima seção irá demonstrar as profecias presentes nesses grupos.

.....
¹¹ Alguns autores identificam um terceiro messias associado com um profeta com base no texto do manuscrito da Regra da Comunidade - 1Qs (Laurin, 1963).



Expectativa da vinda do Messias

Um pouco antes e durante o início do primeiro século da Era Comum, os fatores instigantes dos judeus à guerra na destruição do Segundo Templo foram as profecias da vinda do Messias para aquele período. Josefo relata essa imagem descrevendo um oráculo da vinda de um governador judeu mundial:

Mas agora, o que mais incitou os judeus ao empreender essa guerra foi um oráculo ambíguo que também foi encontrado nas Sagradas Escrituras: naquela época, alguém proveniente de seu país deveria se tornar governador de toda a terra habitável. Os judeus consideraram essa predição como suas em particular (JOSEPHUS, 2009b, 6.5 – tradução livre, grifo nosso).

Esse mesmo pensamento não era incomum fora dos círculos judaicos. O império romano também possuía esse oráculo, mas aplicava aos seus imperadores. Tanto Suetônio quanto Tácito, ambos, historiadores romanos do primeiro século, relataram antigas profecias de sacerdotes que, no tempo em que eles viviam, o poder vindo do oriente subiria e que da Judeia viriam os dominadores do mundo (TACITUS, 2005, s. v.13; SÜETONIUS, 2006, s. 441).

Embora os fariseus e os essênios fossem grupos distintos, a expectativa da vinda do Messias prometido era latente. Como se pode ver, ambos acreditavam na presença de dois Messias distintos, mas, em alguns casos, esses Messias se confundiam com características diferentes de um único Messias. Entretanto, os dois grupos, fariseus e essênios, aguardavam a breve vinda e estabelecimento do reino do Messias prometido.

No tratado sobre o sinédrio, descrito no Talmude, há uma discussão grande a respeito da vinda do Messias e a marcação de períodos de acordo com os cálculos baseados na Torá. Essa discussão ocorreu após o surgimento do cristianismo, pois o Rabbi Nehemya cita a “heresia do Cristianismo” nessa mesma seção (DAVIDSON, 2015, Sanhedrin 97a.9). Não obstante, com base nesse texto, pode-se compreender qual era a expectativa dos judeus anteriores a esse período e como ela foi modificada após o surgimento do Cristianismo.

Para os judeus desse período, a era messiânica começaria quatro mil anos após a criação do mundo, ou seja, dois mil anos de caos (sem lei), sucedendo mais dois mil anos com a presença da Torá, até o período da era messiânica: “a escola de Eliyahu [Elias] ensinou: seis mil anos é a duração do mundo; dois mil anos, o caos; dois mil anos, a Torá, dois mil anos os dias do Messias” (DAVIDSON, 2015, Sanhedrin 97a.14 - tradução livre).

Nesse período já havia transcorrido em torno de dois mil anos após o recebimento da Torá, portanto, existia uma grande expectativa do surgimento do Messias. Um ponto importante de se notar é que o ano do calendário judaico atual é diferente do hebreu desse período. Os judeus marcavam os anos com base nos reinados vigentes, como se pode comprovar pelos livros dos Reis e de Crônicas. Os anos do calendário judaico atual só foram formalizados por Maimônides em 1178 d.C. quando ele escreveu a Mishné Torá (MAIMONIDES, 1178, c. 11.16) utilizando os cálculos do Rabbi Yose ben Halafta feitos no segundo século de nossa era.

Na época da escrita desse trecho do Talmude, eles acreditavam que já se havia passado mais de quatro mil anos. Ao continuar a leitura talmúdica na próxima seção, encontra-se a descrição que, devido aos pecados, o tempo previsto foi aumentado, pois se passaram quatro mil anos, o Messias não veio e não ocorreu a era messiânica (DAVIDSON, 2015, Sanhedrin 97b.1). Na próxi-

ma seção do Talmude, é citado o livro de Daniel e várias previsões para a vinda do Messias. Como essas profecias falharam para eles, é pronunciada uma maldição para quem tentasse calcular posteriormente a vinda do Messias:

Qual é o significado da frase “apressa para o fim, e não enganará¹²”? Rabbi Shmuel bar Nahmani disse em nome de Rabi Yonatan: Que aqueles que calculam o fim dos dias sejam amaldiçoados¹³. Porque alguns diriam: o fim dos dias que eles calcularam chegou e o Messias não veio ainda, portanto Ele nunca mais virá¹⁴. Em vez disso, o comportamento adequado é continuar a aguardar a Sua vinda, como é dito: “se tardar, espera-o¹⁵” Para que você não diga que está esperando ansiosamente o fim dos dias e que o Santo, Bendito seja Ele, também não está e não quer redimir o Seu povo, o verso declara: “Por isso, o Senhor esperará, para ter misericórdia de vós; e por isso se levantará, para se compadecer de vós, porque o Senhor é um Deus de equidade; bem-aventurados todos os que nEle esperam¹⁶ (DAVIDSON, 2015, Sanhedrin 97b.9 – tradução livre).

Havia alguns pontos necessários para que se cumprisse a chegada do Messias prometido. Um desses fatores era a vinda do profeta Elias para preparar o caminho¹⁷ (SCHOCHET, 1992, p. 89-91). Além disso, os cálculos para a vinda do Messias foram frustrados devido à quantidade de interpretações proféticas equivocadas. Entretanto, fica evidente que a expectativa da vinda do Messias, imediatamente anterior a esses escritos, era proeminente. Posteriormente os rabinos chegaram a supor que o profeta Daniel estivesse errado, porque eles não conseguiram fazer qualquer predição sobre os últimos dias utilizando suas profecias (EDERSHEIM, 1953, p. 1475).

Outra profecia relacionada a esse período é a conhecida como: setenta semanas de Daniel, que está escrita em Daniel 9:24-27. Essa profecia relata que haveria setenta semanas determinadas sobre o povo de Daniel, e a partir da ordem para restaurar e edificar Jerusalém até o Messias haveria 69 semanas proféticas (Dn 9:25). O famoso físico Isaac Newton, no século 18, também calculou a data da vinda do Messias utilizando essa profecia de Daniel (NEWTON, 1733, cap. X).

Além da discussão talmúdica citada anteriormente, essa profecia também se encontra nos escritos dos essênios de Qumran, mais especificamente no manuscrito 11Q13, também conhecido como documento de Melquisedeque (BERGSMA, 2007, p. 255). O documento associa o texto de Levítico 25:13, Deuteronômio 15:2, Isaías 61:1¹⁸ com a libertação dos Filhos dos Céus, herdeiros de Melquiseque e cálculos de jubileus. O texto cita a profecia de Daniel: “O Mensageiro é o Ungido do espírito, a respeito de quem Dan[iel] disse: [Até um ungido, um príncipe (Dn 9:25)] [...] é concernente a ele que está escrito” (VERMES, 2003, p. 586 – tradução livre).

Holbrook (2010), como editor, faz um compilado de assuntos sobre as setenta semanas em Daniel identificando o período inicial da profecia: a ordem para restaurar e edificar Jerusalém.

.....
¹² É uma menção de Habacuque 2:3: “Porque a visão é ainda para o tempo determinado, mas se apressa para o fim, e não enganará; se tardar, espera-o, porque certamente virá, não tardará”.

¹³ Significa literalmente: “que seus ossos sejam explodidos”.

¹⁴ Há um texto semelhante em 2 Pedro 3:4.

¹⁵ Final do texto de Habacuque 2:3 referenciado anteriormente.

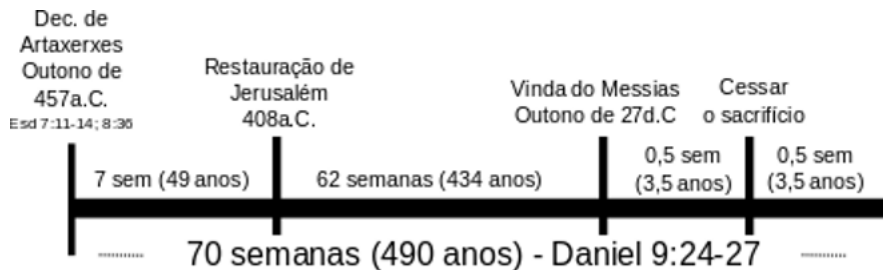
¹⁶ É uma citação de Isaías 30:18.

¹⁷ Ver Malaquias 4:5.

¹⁸ Textos referentes ao ano aceitável ao Senhor: o Jubileu.

Esse evento é identificado como o decreto de Artaxerxes I, em 457 a.C., com Esdras retornando da Palestina. Essa informação situa a vinda do Messias¹⁹ um pouco antes do primeiro século da Era Comum. O diagrama 1 mostra um resumo sobre a proximidade da data da vinda do Messias considerando o decreto de Artaxerxes I como início da contagem das setenta semanas.

Diagrama 1: Profecias das das 70 semanas do livro de Daniel



Embora não haja como garantir que a forma de cálculo seja igual à interpretação moderna, como anteriormente descrito, o Talmude e o escritos dos essênios de Qumran, delineiam uma grande possibilidade de que as comunidades judaicas utilizaram as profecias de Daniel para calcular a data da vinda do Messias prometido. Passado esse período de espera pelo Messias, houve novamente a queda de Jerusalém no ano 70 d.C. e não se encontra mais o rastro dos essênios de Qumran na história e uma parte dos fariseus dão origem ao judaísmo rabínico.

Apesar de eles não terem visto o cumprimento dessa profecia como esperavam e no tempo determinado, ficaram com uma promessa de um Templo eterno de Javé:

E farei com eles uma aliança de paz; e será uma aliança *perpétua*. E os estabelecerei, e os multiplicarei, e porei o *meu santuário* no meio deles para sempre. E o *meu tabernáculo* estará com eles, e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo. E os gentios saberão que eu sou o Senhor que santifico a Israel, quando estiver o *meu santuário* no meio deles *para sempre* (Ez. 37:26-28, grifo nosso).

Atualmente se mantém a esperança na vinda iminente de um Messias que irá reunir seu povo escolhido, governar o mundo e trazer paz para todas as nações, independente de cálculos proféticos.

Considerações Finais

Desde o exílio babilônico, o povo judeu sempre manteve as esperanças na restauração do Templo de Javé, onde a glória deveria ser superior ao do período de Salomão (Ag 2:9). A vinda do Messias e a instituição de um governo e templo eterno são promessas que ecoam na alma de todo judeu. No período Herodiano, havia uma grande expectativa do cumprimento dessas promessas com profecias calculadas tanto pelos influentes fariseus, quanto pelos ascéticos essênios. Essas profecias orientaram seus escritos e sua vivência. O Talmude relata os judeus como mestres da Lei e líderes do sinédrio com discussões frequentes sobre a vinda do Messias prometido. Já os

¹⁹ Setenta semanas equivalem a 490 dias proféticos ou 490 anos. A vinda do Messias (ou a sua unção), segundo a interpretação historicista, seria no ano 27 d.C., pois 69 semanas são 483 dias/anos, contabilizados a partir do ano 457 a.C. Para saber mais sobre esse assunto, ver Holbrook, 2010.



essênios mantinham uma vida de isolamento e purificação constante para preparação de se viver na presença do Messias sacerdotal.

Esses dois grupos já desapareceram, mas a esperança da vinda do Messias é ainda algo latente na mentalidade judaica e cristã. Essa expectativa é ainda manifesta nos dias atuais com movimentos que tentam reunir os povos de Israel e o desejo da construção de um terceiro templo pelos judeus. A comunidade cristã também compartilha de uma esperança messiânica, mas para a segunda vinda do Messias, com a pregação do evangelho eterno (Ap 14:6,7). Esses grupos, nos dias atuais, ainda aguardam para dizer a frase descrita no salmo messiânico (Sl 118:26): “Bendito Aquele que vem em nome do Senhor!”

Referências Bibliográficas

- BERGSMA, J. S. **The Jubilee from Leviticus to Qumran: A History of Interpretation**. Boston: Brill, 2007. v. 115.
- DAVIDSON, W. **Talmud Bavli**: Koren Noé Talmud, with commentary by Rabbi Adin Even-Israel Steinsaltz. Jerusalém: Koren Publishers, 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/3jgGpJ5>>. Acesso em: 02 jul. de 2019.
- DONNER, H. **História de Israel e dos Povos Vizinhos**: Da Época da Divisão do Reino até Alexandre Magno. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1997. v. 2.
- EDERSHEIM, A. **The Life and Times of Jesus the Messiah**. Grand Rapids, MI: Christian Classics Ethereal Library, 1953.
- ELIOR, R. The Dead Sea Scrolls: Who Wrote Them, When and Why? **Studies in Spirituality**, n. 21, p. 45-66, 2011.
- HOLBROOK, F. B. (Ed.) **Setenta Semanas**: Levítico e a Natureza da Profecia. Engenheiro Coelho: Unasp, 2010. Série: Santuário e Profecias Apocalípticas.
- JOHNSON, P. **História dos Judeus**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- JOSEPHUS, F. **The Antiquities of the Jews**. Tradução de William Whiston. Project Gutenberg, 94, 2009a. E-book. Disponível em: <<https://bit.ly/3hwBbse>>. Acesso em: 02 jul. de 2019.
- _____. **The Wars of the Jews**. Tradução de William Whiston. Project Gutenberg, 75, 2009b. E-book. Disponível em: <<https://bit.ly/2YxGccw>>. Acesso em: 02 jul. de 2019.
- KNOHL, I. **The Messiah before Jesus**: The Suffering Servant of the Dead Sea Scrolls. Tradução de David Maisel. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press., 2000.
- LAURIN, R. B. The Problem of Two Messiahs in the Qumran Scrolls. **Revue De Qumrân**, v. 4, n. 1, 1963.
- MAIMONIDES. **Mishneh Torá, Sanctification of the New Month**. Cap. 8. Halakhah, Egito, 1178. Disponível em: <<https://bit.ly/3ji9tQ7>>. Acesso em: 02 jul. de 2019.
- MARTI, F. A. **The Remnant Motif in the Dead Sea Scrolls**. Papers 3. Berrien Springs: Andrews University, 2009.



- MITCHELL, D. C. Firstborn Shor and Rem: Sacrificial Josephite Messiah in 1 Enoch. 90.37-38 and Deuteronomy 33.17. **Journal for the Study of the Pseudepigrapha**, v. 15, n. 3, mai. 2006.
- NEUSNER, J. Mr. Sanders's Pharisees and Mine. **Bulletin for Biblical Research** 2. Overland Park: Institute for Biblical Research, 1992.
- NEWTON, I. **Observations upon the Prophecies of Daniel and the Apocalypse of St. John**. Londres: Distributed Proofreaders, 1733. E-book. Disponível em: <<https://bit.ly/3jdat8d>>. Acesso em: 02 jul. de 2019.
- NEWPORT, K. G. C. The Pharisees in Judaism Prior to A.D. 70. **Andrews University Seminary Studies**, v. 29, n. 2, 1991.
- PROVAN, I.; LONG, P. V.; LONGMAN III, T. **Uma História Bíblica de Israel**. São Paulo: Vida Nova, 2016.
- SCHOCHET, J. I. **The Principle of Mashiach and the Messianic Era in Jewish Law and Tradition**. Expanded Edition. New York: S.I.E, 1992.
- SILVA, C. F. **O Novo Templo e a Aliança Sacerdotal da Comunidade de Qumran**. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de História. Programa de pós-graduação em História Social. Universidade de São Paulo-USP, São Paulo, 2009.
- SUETONIUS. **De vita Caesarum**. Tradução de Alexander Thomson. Project Gutenberg, Séc I, 2006. E-book. Disponível em: <<https://bit.ly/31tKAep>>. Acesso em: 28 out. de 2019.
- TACITUS. **Historiae**. Tradução de W. Hamilton Fyfe. Project Gutenberg, Séc. I, 2005. E-book. Disponível em: <<https://bit.ly/2FXyqSM>>. Acesso em: 28 out. de 2019.
- VANDERKAM, J. C. **The Dead Sea Scrolls and the Bible**. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 2012.
- VERMES, G. **The Complete Dead Sea Scrolls in English**. Westminster: Penguin Books, 2003.
- WCELA, E. A. The Messiah(s) of Qumrán. **The Catholic Biblical Quarterly**, v. 26, n. 3, 1964.